

# Arquitetura Matogrossense: arquiteto José Afonso Botura Portocarrero

Arquitectura *Matogrossense*:  
arquitecto José Afonso Botura Portocarrero

*Matogrossense* Architecture:  
Architect José Afonso Botura Portocarrero

---

Luana A. Martins

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Mato Grosso..  
E-mail: luanamartins.am@gmail.com

Murythely M. Toigo

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Mato Grosso..  
E-mail: murym.toigo@gmail.com  0000-0002-6426-174X

Victória P. Macieski

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Mato Grosso..  
E-mail: victoriapraeiro@gmail.com

## RESUMO

O artigo faz uma primeira aproximação da vida e obra do arquiteto matogrossense José Afonso Botura Portocarrero. Através do levantamento do seu acervo pessoal, da análise de algumas obras e de entrevistas, procuramos compreender as suas referências, motivações e objetivos, e suas pesquisas sobre habitação indígena e como as suas propostas podem contribuir para o conhecimento das tecnologias indígenas de habitação e relacioná-las com a arquitetura contemporânea. Entre seus principais projetos estão a residência de seus pais (1982); campus da UFMT no Médio Araguaia (1986); sede da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso - ADUFMAT (1992); Memorial Rondon, em parceria com arquiteto Paulo Molina (2000-2016); Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas - Tecnoíndia (2007); Centro Sebrae Sustentabilidade (2010); ampliação do Centro Cultural UFMT (2012); Centro Oficial de Treinamento COT/UFMT Copa do Mundo FIFA 2014 (2012); implantação da Usina Solar Sesc Pantanal (2013); campus UFMT Várzea Grande (2013o); o anexo do Museu de Arte e de Cultura Popular - MACP-UFMT (2015o), entre outros. Ao selecionar e analisar as obras do arquiteto pretendeu-se destacar as concepções que compõem o desenho e desenvolvimento dos projetos, buscando interpretar como se construiu essa linguagem, própria, contemporânea e regional.

Palavras-chave: Arquitetura; Contemporânea; Regional.

## RESUMEN

El artículo hace una primera aproximación de la vida y obra del arquitecto matogrossense José Afonso Botura Portocarrero. A través del levantamiento de su acervo personal, del análisis de algunas obras y de entrevistas, buscamos comprender sus referencias, motivaciones y objetivos, y sus investigaciones sobre vivienda indígena y cómo sus propuestas pueden contribuir al conocimiento de las tecnologías indígenas de vivienda y relacionan con la arquitectura contemporánea. Entre sus principales proyectos están la residencia de sus padres (1982); el campus de la UFMT en el Medio Araguaia (1986); sede de la Asociación de Docentes de la Universidad Federal de Mato Grosso - ADUFMAT (1992); Memorial Rondon, en sociedad con arquitecto Paulo Molina (2000-2016); Núcleo de Estudios e Investigaciones Tecnologías Indígenas - Tecno-India (2007); Centro Sebrae Sostenibilidad (2010); ampliación del Centro Cultural UFMT (2012); Centro Oficial de Entrenamiento COT / UFMT Copa Mundial de la FIFA 2014 (2012); implantación de la Planta Solar Sesc Pantanal (2013); campus UFMT Várzea Grande (2013); el anexo del Museo de Arte y Cultura Popular - MACP-UFMT (2015), entre otros. Al seleccionar y analizar las obras del arquitecto se pretendió destacar las concepciones que componen el diseño y desarrollo de los proyectos, buscando interpretar cómo se construyó ese lenguaje, propia, contemporánea y regional.

Palabras clave: Arquitectura; Contemporánea; Regional.

## ABSTRACT

The article makes a first approximation of the life and work of the architect Matogrossense José Afonso Botura Portocarrero. Through his personal collection and the analysis of some works and interviews, we seek to understand their references, motivations and objectives, and his research on indigenous housing and how his proposals can contribute to the knowledge of indigenous technologies of housing and relation them with contemporary architecture. Among his main projects are the residence of his parents (1982); the campus of the UFMT in the Middle Araguaia (1986); the headquarters of the Association of Teachers of the Federal University of Mato Grosso - ADUFMAT (1992); Memorial Rondon, in partnership with architect Paulo Molina (2000-2016); the Nucleus of Studies and Research Indigenous Technologies - Tecnoíndia (2007); Sebrae Sustainability Center (2010); the expansion of the UFMT Cultural Center (2012); the Official Training Center COT / UFMT FIFA World Cup 2014 (2012); the implementation of the Sesc Pantanal Solar Plant (2013); the campus UFMT Várzea Grande (2013o); the annex of the Museum of Art and Popular Culture - MACP-UFMT (2015o), among others. After the selection and analysis of the architect's works, it was intended to highlight the conceptions that make up the design and development of the projects, seeking to interpret how this language was constructed, its own, contemporary and regional.

Keywords: Architecture; Contemporary; Regional.

## Introdução

O presente trabalho propõe expor e analisar algumas obras do arquiteto matogrossense José Afonso Botura Portocarrero, de tal forma a revelar as características de uma arquitetura investigativa, preocupada em valorizar o local em que se inserem, levando em consideração as características físicas, climatológicas, sociais e culturais, culminando em um desenho naturalmente sustentável.

O artigo é estruturado em duas partes: na primeira, uma biografia do arquiteto e na segunda, a apresentação de quatro obras representando cada década da sua vida profissional: na primeira década, a Casa Iracy e José Afonso Portocarrero, o primeiro projeto (1982), para seus pais; na segunda década, a sede da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Mato Grosso (ADUFMAT), na qual começam as suas investigações de arquitetura indígena (1992); na terceira, o Memorial Rondon, representando o legado do Marechal Rondon através da arquitetura (2000); e na quarta década, o Centro SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) de Sustentabilidade, obra que mais claramente expressa o desenho contem-

porâneo cruzado com a tecnologia das habitações indígenas (2010).

Para o desenvolvimento do artigo contamos com várias entrevistas com o arquiteto, relatando os desafios e as peculiaridades de cada projeto, além de pesquisas no seu acervo pessoal, em contato com os desenhos originais e os primeiros croquis das obras e também a sua biblioteca, incluindo o livro de sua autoria – Tecnologia Indígena em Mato Grosso: Habitação (2010).

## Biografia

José Afonso Botura Portocarrero nasceu na cidade de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai, em 1951, filho de José Afonso Loureiro Portocarrero e Iracy Botura Portocarrero.

Graduou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos da Universidade Católica de Santos, cidade litorânea do Estado de São Paulo, em 1976. Ainda estudante em São Paulo, trabalhou nos escritórios dos arquitetos Célia Bottura, Pepe Asbun, Francisco Petracco (no prédio do Instituto de Arquitetos do Brasil, na rua Bento Freitas) e com o colega Luiz D'Álkmín fazia

desenhos para o arquiteto Ruy Ohtake como freelance; estagiou na Fundação Prefeito Faria Lima (CEPAM), com a arquiteta Clementina De Ambrosis, como monitor de projetos. Em 1978 retorna para Cuiabá, onde após trabalhar por algum tempo como arquiteto no antigo Departamento de Viação e Obras Públicas (DVOP), vai gerenciar pelo escritório Proplasa Projetos e Planejamento, de São Paulo, coordenado pelo arquiteto Geraldo Gomes Serra, os projetos CURA em Mato Grosso. Em 1980 é admitido na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) como professor da disciplina Viação e Urbanismo, do curso de Engenharia Civil. Em 1984 faz sua especialização em planejamento urbano na universidade de Dortmund, Alemanha; em 2001 cursa o mestrado em História na UFMT, apresentando a dissertação *Bái, a casa Bóe, a casa Bororo*. Uma história da morada dos índios Bororo, sob orientação da historiadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Fatima Costa; em 2006 conclui o doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, defendendo a tese *Tecnoíndia: tecnologias de construção e adaptação de unidades de saúde para os povos indígenas em Mato Grosso*, com orien-

tação do arquiteto Prof. Dr. Carlos Zibel Costa.

No biênio 1989-90 foi presidente do Departamento do Mato Grosso do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/MT); de 1992 a 1995 ajudou na fundação e foi o primeiro titular da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano de Cuiabá; em 1995 participou da criação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFMT; em 2007, com a antropóloga Maria de Fátima Roberto Machado, estabelecem na UFMT o Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas (Tecnoíndia); ainda em 2007 foi um dos arquitetos brasileiros convidados da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo; em 2010 lança o livro *Tecnologia indígena em Mato Grosso: Habitação*, contemplado em 2011 com o prêmio Design do Museu da Casa Brasileira; em 2014 recebeu homenagem como Arquiteto do Ano da Federação Nacional de Arquitetos (FNA); atualmente é Professor Associado II da UFMT em Cuiabá e pesquisador do grupo Tecnoíndia.

Durante a sua vida profissional tem se destacado por realizar uma arquitetura simples, que prioriza o conforto ambiental, adaptando às condições locais,

conciliando tecnologia e arquitetura vernácula:

Devemos prestar atenção em uma coisa que o Lucio Costa falava, que é preciso atentar para as construções vernaculares (...). Pois eles (os antigos) estavam aqui antes, enfrentaram e passaram séculos aqui. Então eles desenvolveram esses desenhos e sistemas construtivos com poucos recursos, parede mais grossa, pé direito mais alto, janela mais alta, tiragem térmica, telhado, enfim. Então temos que prestar atenção, para desenvolvermos um desenho eficiente, com qualidade (PORTOCARRERO, 2015).

## Obras

### Década de 1980: Residência Iracy e José Afonso Portocarrero

O projeto que se tornará a residência dos pais do arquiteto, no bairro Centro Norte de Cuiabá, surgiu do Trabalho Final de Graduação (TFG) em 1976, sob a orientação do arquiteto Ruy Ohtake, cujo tema era Conforto Ambiental em Cuiabá, MT. A banca de avaliação foi composta pelos arquitetos Júlio Katsinsky e Francisco Petracco. Em 1982 a obra foi selecionada pelo IAB/MT para participar da mostra de projetos do XI Congresso Brasileiro de Arquitetos, em Salvador.

O projeto de TFG se materializa passando por alguns ajustes feitos por Portocarrero, encostando a casa nos terrenos vizinhos e criando duas empenas de concreto. O projeto explora a linguagem do concreto aparente, que se converte em uma marca de sua arquitetura: despojado, de fácil manutenção e sofisticado, pela forma como é aplicado. Tendo em vista a topografia acidentada do terreno, aproveitou o desnível de 3,20 metros para situar o comedor, cozinha, lavanderia e garagem. Foi construída em 1982.

O arquiteto preocupou-se com o conforto ambiental interno da edificação, considerando a amplitude térmica e o clima regional, tomando cuidado em garantir sombreamento na fachada, ventilação cruzada, e a escolha por uma cobertura verde (laje impermeabilizada e grama). Foi a primeira casa de Mato Grosso que adotou essa solução.

A necessidade de ventilação era condicionante em função do verão quente-úmido. O vento dominante nessa estação (NO) na frente do terreno com o Norte a 45° mostrou a necessidade de um elemento que permitisse um vislumbre visual e um elemento que protegesse da insolação. (PORTOCARRERO, 1978).

Figura 1 - José Afonso Botura Portocarrero: residência Iracy e José Afonso Portocarrero.

Fonte: arquivo do arquiteto, 1982.



Figura 2 - José Afonso Botura Portocarrero: residência Iracy e José Afonso Portocarrero.

Fonte: arquivo do arquiteto, 1995.



É interessante notar como desde os seus primeiros projetos o arquiteto apresenta afincado em analisar e observar o local e suas peculiaridades, valorizando e

demonstrando que o uso da tecnologia pode ter maior desempenho se assim empregado.

### **Década de 1990: ADUFMAT**

Em 1990 o advogado e professor Eleni Alves, então presidente da ADUFMAT, convidou o arquiteto e professor Portocarrero para desenvolver a proposta para a sede da associação, com um programa simples: uma parte administrativa, um auditório e uma biblioteca. Em 1991 o estudo preliminar é apresentado em assembleia, onde o arquiteto defendeu que a sede deveria estabelecer um novo diálogo com os prédios da instituição, com uma forma não ortogonal, introduzindo o desenho da arquitetura indígena no campus da Universidade da Selva, como era conhecida a UFMT na época de sua fundação:

O partido adotado no projeto da ADUFMAT procurou traduzir uma ideia que representasse construtivamente o sentimento do corpo docente da UFMT no que diz respeito às características da região Centro-Oeste, Amazônia e Pantanal, onde se insere a UFMT. A adoção da casa Xavante como “modelo” de ocupação comunitário do espaço, pela associação dos professores bem expressa essa vontade. Assim a proposta foi desenvolvida com a intenção de propor uma arquitetura que atuasse como paradigma dentro do campus (PORTOCARRERO, 1991).

O projeto da ADUFMAT foi o primeiro contato do arquiteto com a pesquisa de referências indígenas. Segundo Portocarrero, o insight para a exploração desse desenho surgiu durante uma viagem para conhecer o local de implantação do Campus da UFMT no Pontal do Araguaia, próximo da cidade de Barra do Garças, também projeto de autoria de arquiteto e contemplado pelo prêmio Light/Eletróbrás de Conservação de Energia na Edificação em 1986. Ele lembra que, passando pelas aldeias das etnias Xavante e Bororo, percebeu a necessidade de estudar e chamar atenção para esses povos, que há muito tempo, e com sabedoria, ocupavam aquela região e moravam de maneira adequada e confortável, fruto da observação do meio em que viviam.

A Oca, como ficou conhecida a sede da associação, é referenciada na casa Xavante. Com planta circular, a arquitetura e a estrutura se fundem no projeto. As vigas de concreto convergem para o centro criando uma forma ogival, e na cobertura um domo de acrílico ajuda na iluminação e na tiragem térmica, possibilitando circulação de ar e um clima agradável. A figura do engenheiro e também professor Manoel Santinho Rodrigues Júnior é muito importante,

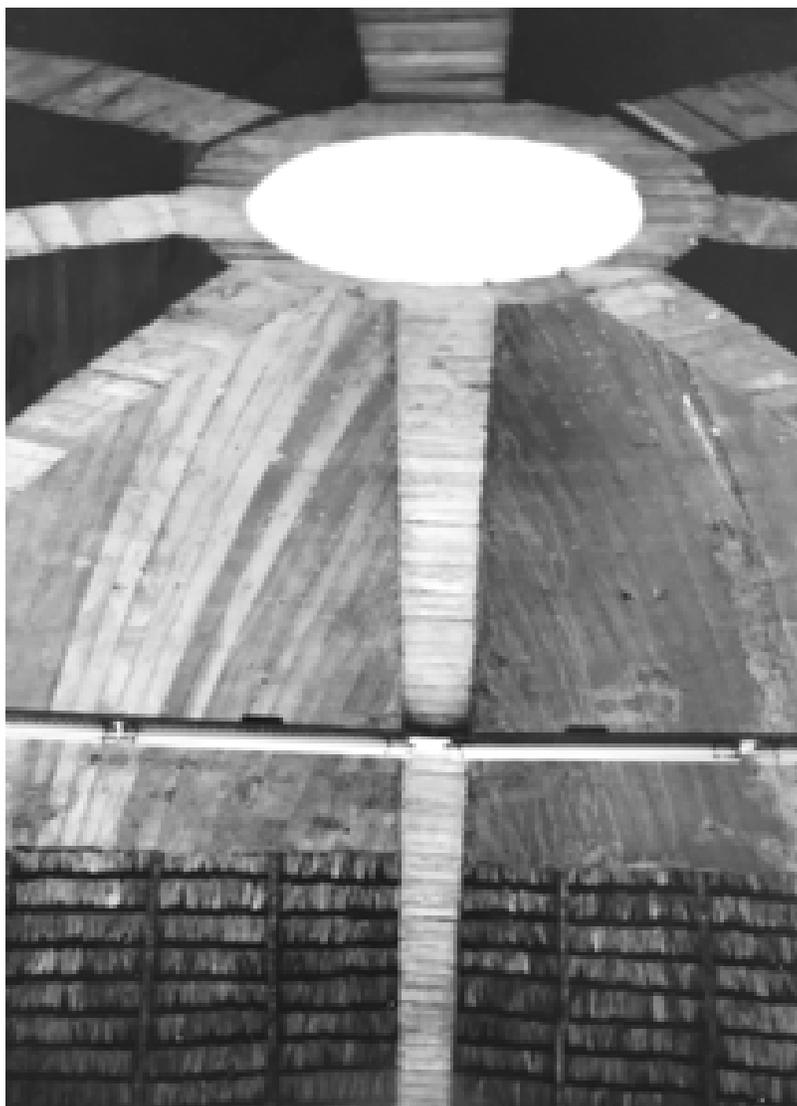


Figura 3 - Interior da ADUF-MAT, destacando o domo e a iluminação zenital.

Fonte: arquivo do arquiteto, s.d.

pois junto com Portocarrero projetou toda a concepção estrutural em concreto aparente, trabalho que gerará parcerias em novos projetos, como o Centro SEBRAE de Sustentabilidade e outros. As vigas receberam grafismos indígenas de autoria da arquiteta Maria Clara Migliaccio, impressos em baixo relevo no concreto, indicando as etnias das quatro regiões de Mato Grosso.

O prédio em três pavimentos tem no nível térreo o o auditório; no piso intermediário, a parte administrativa e no superior a biblioteca e salas de reuniões. Inicialmente o auditório conformaria uma praça aberta, coberta e de livre acesso, entre os pilotis; porém, alguns anos depois, atendendo a pedidos feitos pelos próprios docentes que alegavam falta de privacidade das assembleias, foi fechado com concreto, e uma saia de aterro deveria ter sido executada para garantir a integração da edifício com o paisagismo. Podemos considerar o fechamento uma perda, pois enquanto a praça existia, criava-se um lugar democrático onde todos (alunos, professores e visitantes) podiam fazer uso, além de possibilitar assembleias com públicos expressivos, o que hoje se limita a apenas 120 pessoas. A escada originalmente era de concreto e interligava o auditório e a área administrativa; posteriormente foi substituída por uma escada helicoidal metálica, ligando apenas área administrativa e biblioteca, a fim de possibilitar um maior número de lugares disponíveis no auditório e não misturar os fluxos.

A cobertura do prédio é feita de palha, obedecendo às técnicas utilizadas pelos índios quanto a época de colheita, lua minguante, o tipo de secagem e instala-

ção; deve ser trocada a cada quatro anos, para garantir um bom desempenho. A primeira cobertura foi feita com palha de palmeira Acurí, pelo povo Bakairi, e a última troca foi executada pelo artesão Xexé, morador de Mimoso, com palha de Babaçu.

A obra foi inaugurada em 1992 e tanto o projeto arquitetônico como todos os complementares foram doados pelos professores associados. Assim como em outros projetos, o arquiteto produziu algo que acrescenta um valor simbólico, apostando no desenho como tecnologia. Nesse caso o uso do concreto aparente, além da belíssima estética, é de fácil manutenção e grande resistência.

Depois de alguns anos, intervenções foram feitas pelas diferentes diretorias, principalmente quanto ao layout, o fechamento do domo, a mudança de posição da passarela de acesso e do material, de madeira para concreto e aço. Atualmente, depois de 25 anos, a sede da ADUFMAT passa por readequação, onde as propostas estão sendo discutidas com acompanhamento do professor Portocarrero, que vê nisso uma oportunidade de retomar as intenções originais e a implementação de necessárias mudanças. Existe também a possibilidade de que a Oca passe a desempenhar ape-

nas funções culturais e que a administração passe a ocupar um prédio em anexo, a ser construído.

O edifício faz parte de um conjunto de obras do arquiteto que permeiam o campus da universidade, junto com o Centro Oficial de Treinamento (COT), em construção, da ampliação do Centro Cultural, também em construção, e da Tecnoíndia, representando e reafirmando a importância da tecnologia das arquiteturas vernaculares e a boa arquitetura contemporânea que deve se aproximar ao máximo das reais condições locais, dialogando da melhor maneira, respeitando as premissas iniciais (Clima, Cultura e Topografia).

Hoje a Oca é um símbolo dos docentes da UFMT: o perfil do prédio conforma o logotipo da Associação.

### **Década de 2000: Memorial Rondon**

A convite do então governador do Estado de Mato Grosso, Dante de Oliveira, o arquiteto Portocarrero começou os primeiros estudos para um memorial em homenagem ao Marechal Rondon, considerando a proximidade da comemoração dos 500 anos de “descobrimiento do Brasil”, integrando um grupo

de dez projetos que mcelebrariam essa data. O arquiteto Paulo Molina já trabalhava com Portocarrero e participou do projeto como coautor. O governador pretendia que a edificação também pudesse servir como apoio ao ecoturismo no pantanal. A opção foi construí-la no distrito de Mimoso, local de nascimento de Cândido Mariano Rondon, no município de Santo Antônio do Leverger, e em frente à escola que o Marechal havia construído e doado para o Estado, e onde seus pais estão enterrados. Um recanto de transição do cerrado para o pantanal, que passa parte do ano com áreas alagadiças e encanta com a floração dos ipês.

A construção começou no ano de 2000, porém foi interrompida diversas vezes com as mudanças de governo; com a definição de Cuiabá como uma das sedes da Copa do Mundo mde 2014, a obra foi reiniciada e finalizada apenas em 2016, sofrendo alterações sem a consulta dos autores do projeto.

A intenção inicial do próprio SEBRAE era que o local funcionasse como uma escola viva, onde a população, tanto acadêmica, quanto aqueles que buscam acessórias tivessem um contato direto para a compreensão da impor-

tância, a facilidade de implantação e os ganhos com as decisões e iniciativas sustentáveis. Tendo isso em vista isso Portocarrero relata que viu nisso uma oportunidade de trazer muito mais do que para o centro urbano, mas para o centro administrativo da cidade esse desenho, destacando a importância desses povos que originaram o nosso país. Além disso, devido o projeto ser posterior a pesquisa de doutorado e as próprias condições possibilitadas por ser uma obra pública, o edifício foi onde realmente a tecnologia das habitações indígenas foi incorporada, adaptada as técnicas contemporâneas

A estrutura metálica de forma circular lembra uma grande aldeia e foi construída sobre palafitas de concreto que avançam sobre os alagados como um mirante. Um grande decke permite que pequenas embarcações acessem o piso térreo na época da cheia. Uma passarela com cerca de 90 metros de comprimento dá acesso à estrutura principal e esta é constituída por uma sequência de arcos ogivais, apresentando a configuração espacial de uma aldeia com 63 metros de diâmetro. À parte central, descoberta, cabe a função contemplativa e de “respiração” do prédio. O projeto previa que o local abrigaria um espaço comu-



Figura 4 - Memorial Rondon vista noturna (2016).  
Fonte: Olhar Conce

nitário no piso intermediário, destinado a atividades comunitárias do distrito de Mimoso, venda de artesanato e apoio para turistas; no piso superior estaria localizada a sala de exposições, onde deveriam ser expostas periodicamente, através de amostras itinerantes, partes do rico acervo do Marechal Rondon espalhado pelo mundo; ainda este piso seria ocupado por um laboratório de campo para estudantes e pesquisadores do Pantanal, e a uma biblioteca, além de uma área administrativa.

Uma segunda passarela, construída no rumo Oeste, liga o prédio com a estrutura do jazigo, onde se pretendia abrigar os restos mortais de Rondon, hoje depositados no Cemitério de São Joao Ba-

tista, no Rio de Janeiro. A disposição do jazigo nessa posição, em direção ao por do sol, carrega o simbolismo de apontar para a região do país onde os esforços de Rondon se concentraram.

#### **Década de 2010: Centro SEBRAE de Sustentabilidade (CSS)**

O arquiteto foi procurado pelo SEBRAE do Mato Grosso, que buscava um projeto diferente e inovador para ampliar os espaços existentes na sede, localizada no Centro Político-Administrativo (CPA), em Cuiabá. A resposta foi a referência indígena, que misturava o desenho ancestral com a tecnologia das construções contemporâneas.



Figura 5 - Centro SEBRAE de Sustentabilidade, vista aérea (2016).

Fonte: Portal do Mato Grosso

O projeto é referenciado na construção das casas xinguanas, entre as quais se destacam a Yawalapiti e a Kamairurá, com seus quase 30 metros de comprimento por 10 de largura, além de um pé direito elevado. Desde a fase do projeto este foi pensado a fim de que atendesse às necessidades concernentes ao conforto térmico. A cobertura do prédio possui a forma aerodinâmica das casas xinguanas, e a partir das camadas de palha usadas nas mesmas, o arquiteto projetou duas cascas de concreto independentes entre si, criando um colchão de ar entre elas, visando proporcionar

redução da temperatura no interior do edifício. Por entre essas camadas também escorre a água das chuvas, a qual será conduzida para reservatórios para posterior reaproveitamento.

Apesar de o uso do ar condicionado ser uma realidade, este é usado de maneira moderada em função da dupla casca, atenuando assim os gastos com energia. Pesquisas do Laboratório de Conforto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFMT, conduzidas pela professora Luciane Durante, indicaram amplitude térmica de 9,8°C entre as

casca externa e interna. A combinação de diversas estratégias, como pé direito elevado (7,5 metros de altura), duas cascas de concreto com colchão de ar entre elas, brises móveis na fachada, ausência de paredes internas, o paisagismo em seu entorno, o desenho ogival de cobertura-parede, o uso da rampa de acesso como recuo (10 metros) do prédio em relação a fachada ensolarada, e aproveitando as peculiaridades naturais do terreno, contribuíram para que o CSS seja um lugar muito agradável de se trabalhar, segundo os funcionários do SEBRAE.

O projeto foi pensado para proporcionar maior conforto aos usuários e foi reconhecido por sua eficiência. Resgata ensinamentos vernaculares que não devem ser menosprezados, pois o CSS é a comprovação da eficiência dos desenhos indígenas. A forma ogival do edifício remete aos desenhos das habitações indígenas trazendo de volta à paisagem urbana uma referência que não deve ser apagada pelo tempo.

No piso térreo, fica o salão com cerca de 350 m<sup>2</sup>. O pavimento comporta ilhas de trabalho com divisórias baixas, possibilitando a integração entre os funcionários e a ventilação livre. Além disso, abriga a

biblioteca, a recepção, o atendimento e as oficinas com espaço para exposições. No nível inferior existe uma arena, um espaço de convivência para os usuários onde a sensação térmica é agradável, e um auditório com capacidade para 100 pessoas, com uma sala técnica de apoio. Ainda neste pavimento encontram-se os sanitários coletivos em duas torres

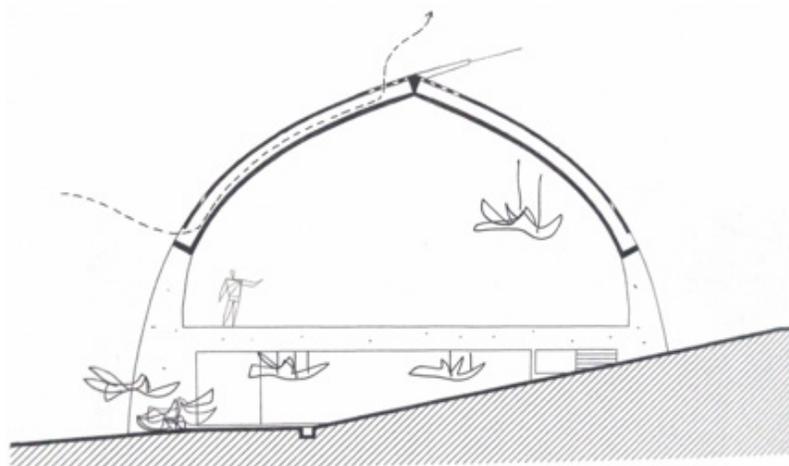


Figura 6 - Centro SEBRAE de Sustentabilidade: corte esquemático com casca dupla.  
Fonte: PORTOCARRERO, 2010.

separadas da edificação principal e que abrigam também a caixa de escada e casa de máquinas (parte de trás do prédio), implantados conforme os povos indígenas o fazem, externos a edificação principal.

O acesso principal ao prédio se dá por uma passarela. O piso inferior é acessado por uma rampa localizada longitudinalmente ao edifício, ou pelas escadas. O edifício é todo acessível, mesmo com os desníveis e sem o uso de elevadores.

O prédio tem sua estrutura de concreto aparente, sendo suas cascas espaçadas cerca de 40 cm uma da outra. Os arcos que suportam esta cobertura possuem aproximadamente 7,5 metros de altura e são espaçados a cada 5 metros, totalizando 9 pórticos.

No térreo o piso é de madeira certificada de ipê de Mato Grosso, já no pavimento inferior o piso é de pedra portuguesa. O estacionamento tem piso permeável, possibilitando o melhor escoamento da água da chuva, reforçando as premissas de todo projeto.

Apesar dos limites do terreno onde o edifício está implantado, o prédio não ocupa a totalidade do mesmo, este é circundado por um belo paisagismo o qual promove o aconchego e favorece a redução das temperaturas. Durante as obras todas as árvores existentes foram preservadas.

Em 2013 o CSS recebeu o selo PROCEL/Eletróbrás de eficiência energética, com nível A para projeto e para edificação. Em 2016 recebeu a certificação internacional BREEAM In-use, classificação “Excelente” do Building Establishment Environmental Assessment Method (BREEAM), da Inglaterra.

Neste ano foi selecionado e indicado para concorrer na categoria Prêmio Regional/Construções Novas e em Uso, da premiação BREEAM Awards 2018.

## Considerações Finais

Levando em consideração o material estudado, podemos perceber o cuidado de Portocarrero desde as primeiras obras para com o meio em que se inserem. A consideração das condicionantes locais (clima, insolação, topografia) e a escolha dos materiais empregados são premissas marcantes que aparecem na linguagem arquitetônica de suas obras.

O desenho baseado na arquitetura indígena, além de resgatar a memória de nossas raízes, tem como base as estratégias utilizadas por essas culturas que, apesar de não possuir alta tecnologia, desenvolveram técnicas inteligentes de conforto ambiental e respeito ao meio ambiente, seja pelo pé direito alto ou pela tiragem térmica, pela utilização da palha na cobertura proporcionando inércia térmica, como o uso do desenho ogival.

As obras selecionadas são apenas alguns exemplares das diversas produzidas pelo arquiteto e que se destacam por apre-

sentar uma linguagem contemporânea e que podemos classificar ainda como regional, uma vez a que valoriza o vernáculo e faz uso da tecnologia de forma inteligente e sustentável, levando sempre em consideração as premissas do local onde se inserem.

Dessa forma podemos considerar as obras de José Afonso Botura Portocarrero uma grande referência para a arquitetura matogrossense e nacional. O

caráter investigativo que compõe uma arquitetura simples e singular deve ser observada com atenção pela meio arquitetônico atual, que na maioria das vezes reproduz inconsequentemente padrões elaborados para contextos alheios ao sítio e apela, posteriormente, para tecnologias caras para resolver os problemas causados por um desenho, técnica ou decisão inadequados, o que por vezes além de onerar a população prejudica o meio ambiente.

## Referências

PORTOCARRERO, José Afonso B. *Tecnologia indígena em Mato Grosso habitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

PORTOCARRETO, José Afonso Botura. *José Afonso Bottura Portocarrero: depoimento [2015]*. Entrevistadores: Luana Martins, Murythely Toigo, Victória Macieski. Realizada para a disciplina Teoria de Arquitetura 2 do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFMT, com orientação do Prof. Ricardo Silveira Castor.

PORTOCARRETO, José Afonso Botura. *Conforto ambiental em Cuiabá MT*. Trabalho Final de Graduação (Gfduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica

de Santos, Santos, SP, 1978. Acervo pessoal do arquiteto.

PORTOCARRETO, José Afonso Botura. *[Estudo preliminar apresentando em assembleia da Associação de Docentes da Universidade Federal do Mato Grosso para a proposta da nova sede]*. Acervo ADFMAT, [1991].

MEMORIAL EM HOMENAGEM A MARECHAL RONDON É INAUGURADO APÓS 16 ANOS, Cuiabá, 2016. Disponível em : <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/memorial-em-homenagem-marechal-rondon-e-inaugurado-apos-16-anos.html>> Acesso em : 01/02/2018.

TÉCNICAS CONSTRUTIVAS, Cuiabá, *Centro Sebrae de Sustentabilidade*. Disponível em:

<<http://sustentabilidade.sebrae.com.br/sites/Sustentabilidade/Institucional/O%E2%80%93Predio/T%C3%A9cnicas-construtivas>> Acesso em : 01/02/2018.

ARQUITETURA DO ESPAÇO DO CONHECIMENTO, DÓ SEBRAE-MT, LEMBRA OCAS INDÍGENAS DO XINGU, Cuiabá, 2010, PINI. Disponível em : <<http://piniweb17.pini.com.br/construcao/arquitetura/arquitetura-do-espaco-do-conhecimento-do-sebrae-mt-lembra-ocas-indigenas-189624-1.aspx>> Acesso em: 01/02/2018.